

FORMAÇÃO EM JORNALISMO: O ESSENCIAL E O ACESSÓRIO

MANUEL PINTO

1. Lynch, Dianne (2015) "Above and Beyond: Looking at the Future of Journalism Education". Knight Foundation. URL: www.knightfoundation.org/features/journalism-education/ (24.02.2015)

Interrogar-se sobre a melhor estratégia para formar jornalistas é pôr sob exame a relação entre as redacções e as academias e entre a teoria e a prática.

As redacções têm sido violentamente sacudidas por dois vendavais, que, em parte se conjugaram. Um é o que se refere à digitalização e às redes digitais, com reflexos fortíssimos quer nos conteúdos, quer nos formatos, quer ainda nos processos de produção, distribuição e utilização da informação de actualidade. O outro, mais recente, é a crise económica e social e as políticas restritivas a ela associadas. O campo jornalístico transfigura-se, no meio de um turbilhão que deixa antever algumas tendências, mas que torna, por ora, difícil encontrar caminhos adequados para lhes fazer face.

As mudanças não poderiam deixar de afetar a academia, nomeadamente as suas componentes que se dedicam à formação dos futuros profissionais da comunicação e dos media. Os dois vendavais referidos chegam também às instituições de ensino superior: por um lado, através das restrições orçamentais que condicionam as políticas de recrutamento de pessoal, que deveria permitir o rejuvenescimento dos docentes e investigadores; por outro porque a anemia do mercado de trabalho, nomeadamente no jornalismo, faz com que a opção por seguir este percurso se torne menos apelativa.

Seja como for, um dos desafios mais prementes das universidades e politécnicos reside em acompanhar – e, se possível, antecipar – as transformações do campo jornalístico, para não correrem o risco de se tornar obsoletas. Essa é uma questão frontalmente colocada num recente relatório da norte-americana Knight Foundation¹, no qual perpassa um retrato-resposta não muito entusiasmante. A rapidez das mudanças tecnológicas e das práticas a elas associadas torna virtualmente impossível um acompanhamento por parte de uma academia que se baseia em modelos de funcionamento que supõem um certo grau de estabilidade. Por outras palavras: como se pode agarrar, do ponto de vista da pesquisa e do ensino, um objeto que não para de se mexer e metamorfosear e que rapidamente desaparece dos nossos ecrãs

inquiridores? Não será que, numa envolvente como a actual, o grande desafio reside precisamente em formar para a mudança e a adaptabilidade? E, se assim for, como preservar pontos de referência que são considerados axilares da formação de profissionais críticos e criativos?

Existe o risco de a própria formação de jornalistas se deixar encanear e ofuscar pela performatividade dos gadgets e das aplicações e esquecer a focagem no que é central e decisivo no jornalismo: a ética profissional e a noção do interesse público na era digital.

É necessário acompanhar de perto as mudanças em curso, desejavelmente através de uma maior proximidade e intercâmbio entre a academia e as redações. É fundamental trazer cada vez mais para a formação o contributo dos jornalistas, editores e gestores que se confrontam com a premência de encontrar soluções para problemas que ainda ontem seriam impensáveis. É forçoso que a investigação científica olhe para os contextos e para as condições reais em que ocorre hoje o trabalho jornalístico e colabore na procura de respostas, sempre que possível em articulação com as empresas e os profissionais.

Contudo, à Universidade cabe-lhe uma abordagem crítica e autónoma, um olhar que deve ser próximo, mas também distanciado. Não lhe cabe ser meramente instrumental nem um centro de formação profissional. É sua missão propor uma formação cultural, científica e técnica avançada, que dote os estudantes de instrumentos de análise da realidade, de competências para a resolução de problemas, de domínio dos saberes e saberes-fazer de uma dada especialidade e de qualificações para um exercício pleno da cidadania. Este horizonte formativo não põe de parte o lado mais aplicado e operativo da formação, mas não se pode esgotar nisso. A Universidade continua a apostar nessa direcção por considerar que essas são bases relevantes para o mercado de trabalho e para a participação na sociedade.

É, no essencial, esta a problemática que Sandra Marinho aborda neste livro. Estamos já a ver o alcance e a relevância da matéria por ela estudada e para a qual dá contributos indubitavelmente inovadores. Mas a autora foi mais longe: quis ver como é que os cursos de ensino superior portugueses em que existe, de forma explícita, formação de jornalistas aproveitaram a reforma e adaptação ao chamado ‘processo de Bolonha’, na primeira década deste nosso século, para se adaptarem também aos desafios da era digital. Essa tarefa obrigou-a a visitar muitas outras experiências, propostas e debates sobre a matéria, cá e

noutras partes do mundo, assim como os mais relevantes autores que têm investigado a problemática da formação de jornalistas.

Subjacente à pesquisa de Sandra Marinho, e de algum modo inspirando-a, está a preocupação em contribuir, pela via da formação, para uma maior qualidade do jornalismo que se faz. Isto significa que, para ela – e partilhamos inteiramente do seu ponto de vista – a formação dos jornalistas, para além da mais-valia que possa representar para os próprios formandos e para as instituições para que venham a trabalhar, constitui um fator-chave da qualidade do jornalismo.

Das conclusões e perspectivas abertas pelo seu estudo resulta também a proposta da criação de um observatório permanente da formação em jornalismo. É evidente que esse não pode ser um empreendimento de uma pessoa só. Mas é imprescindível que se reúnam as condições para viabilizar e alimentar tal ideia. Além de um importante contributo que certamente dará para a academia e para a profissão e empresas ligadas ao jornalismo, será um serviço à sociedade e à democracia, pelo papel que a profissão de jornalista ocupa no espaço público.

Possa este livro ajudar a fazer a distinção entre o que é essencial e o que é acessório na formação de jornalistas. E apontar bases seguras de apoio aos debates e às decisões sobre este assunto. Pelo que li, julgo que o leitor não sairá defraudado.